



Terra Paulista • Jovens

- 1 Os Paulistas em Movimento
Bandeiras, monções e tropas
- 2 Açúcar, Café, Escravos e Imigrantes
A vida nas fazendas paulistas
- 3 A Vida Caipira em São Paulo
Permanência no tempo
- 4 Famílias Paulistas
Múltiplos arranjos
- 5 Moradias dos Paulistas
Das fazendas às vilas operárias
- 6 Costumes no Interior Paulista
Alimentação e Vestuário
- 7 A Formação da Metrópole
A capital e as relações com o interior
- 8 A literatura do Interior
Causos, contos e romances
- 9 Artes Plásticas e Artesanato
Cores e formas do interior
- 10 As Celebrações Populares
Festa, dança e música



Moradias dos Paulistas
Das fazendas às vilas operárias





Moradias dos Paulistas
Das fazendas às vilas operárias



Governador

Geraldo Alckmin

**SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO**

Secretário de Estado da Educação
Secretário-Adjunto
Chefe de Gabinete
Coordenadora de Estudos e
Normas Pedagógicas - CENP
Diretor Executivo da Fundação para o
Desenvolvimento da Educação - FDE
Chefe de Gabinete
Diretores de Projetos Especiais

Gabriel Chalita
Paulo Alexandre Barbosa
Marília Nunes Vianna

Sônia Maria Silva

Tirone Chahad
Luciano Pereira Barbosa
Leila Reginola Iamoni



**CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM
EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA**

Coordenadora geral
Coordenação técnica

Maria Alice Setubal
Lidia Consultoria em Educação

Maria Wolak Grotbaum
Lidia Inezon de Carvalho

Supervisão de conteúdo
Pesquisa iconográfica

Paulo César Garcia Martins
Paulo César Garcia Martins
Gláucia Aparecida Ribeiro de Lima
Estúdio Giravol

Produção gráfica

Beth Kok (projeto gráfico e desenhos)
Cintia Sobral (diagramação e arte final)
Bia Costa (supervisão de produção gráfica)

Mapas e infográficos
Edição de texto

Beto Uechi
Carlos Eduardo Silveira Matos
Lidia Inezon de Carvalho
Maria Wolak Grotbaum

Revisão de texto

Jandira Queiroz

Autores dos textos - referência
Os paulistas em movimento

Anticléide Zepini
Valdemir Antonio da Silva

Açúcar, café, escravos e imigrantes
A vida capista em São Paulo

Maria Daniela Bueno de Camargo
Luiz Roberto de Francisco

Famílias paulistas
Morações dos paulistas

Maria Alice Setubal
Paulo César Garcia Martins

Costumes do interior paulista
A formação da metrópole

Paulo César Garcia Martins
Maurício Êmica

A literatura do interior
Artes plásticas e artesanato

Jorge Miguel Marinho
Anamélia Bueno Bueno
Roberto Santos

As celebrações populares

Alberto Tuzuyoshi Ikeda
Américo Pellegrini Filho

Terra Paulista • Jovens foi elaborada com base nos textos que compõem a coleção *Terra Paulista - histórias, arte, costumes* (2004).

Apresentação

O CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária), ao longo de sua trajetória, tem desenvolvido um trabalho em prol da construção de uma educação de qualidade para todos como condição indispensável para uma democracia efetiva. Nessa perspectiva, a coletânea *Terra Paulista-Jovens*, busca contribuir para que escolas, ONGs, centros culturais e bibliotecas possam ter acesso a um material que estimula o conhecimento e a valorização das riquezas presentes na história e na vida do Estado de São Paulo, desde a sua formação até meados do século XX.

A coletânea foi elaborada com base nos textos que compõem a coleção *Terra Paulista: histórias, arte, costumes*. Composta por dez volumes temáticos, a série busca proporcionar o prazer de conhecer os valores e os aspectos constitutivos do passado paulista, permitindo ao leitor uma melhor compreensão do presente.

Acompanham a coletânea:

- um almanaque, com textos de jornais e revistas, charges, anúncios e crônicas da época;
- uma série de vídeos, que sensibilizam o leitor para os temas abordados;
- jogos que exploram os principais processos históricos protagonizados no Estado de São Paulo;
- um manual de orientação para uso do material.

De posse desses materiais, será possível às escolas e a outras instituições que atuam com jovens desenvolver projetos que busquem o reconhecimento do patrimônio cultural, material e imaterial, da cidade ou do bairro onde residem os leitores.

Este volume focaliza as habitações rurais e urbanas erguidas no território paulista de meados do século XVI à primeira metade do século XX. As transformações no modo de morar dos antigos paulistas servem de fio condutor para o conhecimento das práticas culturais de seu cotidiano, permitindo identificar como algumas delas são vividas e reelaboradas no presente, apesar da modernização e da aceleração dos ritmos da vida.

Esta obra só foi possível graças ao apoio da Fundação Itaú Social, do Instituto Votorantim, da Secretaria Estadual de Educação, da Imprensa Oficial do Estado e da Unesco. Essas instituições acreditam firmemente que iniciativas como esta são fundamentais no processo de formação do indivíduo e que, ao se engajarem neste projeto, estão contribuindo para a construção de uma cidadania mais responsável e comprometida com sua história.



Sumário

As moradias dos paulistas:
das fazendas às vilas operárias 9

As moradias coloniais da
terra paulista 12

As moradias do açúcar 26

A arquitetura dos tempos do café 29

Com as portas e as janelas abertas 51

Cronologia 52

Indicações bibliográficas 55

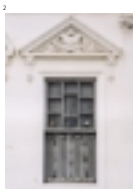
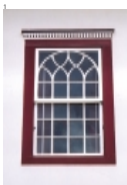
Creditos das imagens 56



As moradias dos paulistas: das fazendas às vilas operárias

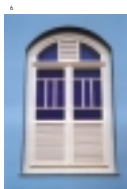
Muitos paulistas costumam pensar que visitar “cidades históricas” é partir para as antigas vilas de mineração de ouro de Minas Gerais ou ir a Parati, Salvador ou Olinda. Não suspeitam que as próprias cidades paulistas, tanto aquelas fundadas nas eras do sertanismo e do tropeirismo quanto as que foram criadas durante a abertura das fazendas de açúcar e café, também guardam testemunhos históricos importantes, tão belos quanto ameaçados pela falta de reconhecimento dos habitantes que os herdaram.





1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 Janelas em São Luiz do Paraitinga e Tietê.

Markadas pela geometrização das bandeiras e falsas bandeiras neoclássicas, pelos relevos elaborados do Eclétismo, pelo traçado esguio dos cavilhões do Art Nouveau ou pelo despojamento característico das casas do século XX, as janelas construídas nas cidades e vilas paulistas durante o Império e a República tinham nas vidraças e nas venezianas os materiais de uso mais recorrente.



Este texto tem o objetivo de examinar alguns desses testemunhos do passado. As transformações no modo de morar dos antigos paulistas serão o fio condutor para o conhecimento das práticas culturais de seu cotidiano. Você vai perceber como algumas delas são vividas e reelaboradas no presente, apesar da modernização, das novas tecnologias e da aceleração dos ritmos de vida.



As moradias coloniais da terra paulista

No início da colonização, as populações do interior do atual território paulista tinham um nível de vida bem mais modesto que as do litoral do Nordeste, por exemplo, enriquecido pelo açúcar. As pesquisas com base nos testamentos ou nos inventários judiciais (processos abertos para partilha das heranças de pessoas falecidas) da região do planalto paulista durante o período colonial mostram um cotidiano austero, compatível com uma economia agrícola baseada na produção de farinhas de trigo, mandioca ou milho, em que até mesmo os móveis de madeira eram artigos escassos.

Além disso, o nomadismo dos bandeirantes não estimulou o gasto com construções requintadas. Passavam-se muitos meses nos sertões em busca de indígenas e de metais preciosos para que as vilas e as fazendas justificassem despesas elevadas e, afinal, pouco desfrutáveis em vista do tempo dispendido nas expedições.

O nomadismo e a relativa pobreza dos paulistas não estimularam o investimento em construções requintadas nos primeiros séculos da colonização.

O caráter rústico das habitações coloniais, bem como o uso de técnicas construtivas frágeis, fez com que poucas delas pudessem ser preservadas. As transformações econômicas dos séculos XIX e XX e a ampliação e reconstrução das vilas e cidades paulistas contribuíram para o desaparecimento em larga escala das casas urbanas do período colonial, substituídas por outras mais requintadas e de acordo com os novos gostos arquitetônicos.

A própria capital dá testemunho disso, já que, em sua área central, apenas uma residência colonial ainda está de pé, aquela que no século XIX pertenceu à marquesa de Santos. Todas as demais, e eram centenas delas, foram demolidas. Em Taubaté, a mais importante localidade vale-paraibana do período colonial, não sobrou uma sequer. Santana de Parnaíba, Porto Feliz e Itu estão entre as poucas cidades que ainda mantêm raros exemplares de sobrados e casas térreas do período colonial.

Mas não se pode esquecer da primeira devastação arquitetônica, em que se perderam as casas indígenas. Erguidas por grupos seminômades, feitas de troncos de madeira e palha, elas eram muito frágeis e precisavam ser constantemente refeitas, o que garantia a transmissão do conhecimento das técnicas construtivas entre as gerações. Esse saber fazer das grandes edificações comunitárias indígenas, que abrigavam muitas famílias juntas, se perdeu diante da imposição de novas formas de habitação mais segmentadas, compatíveis com os costumes familiares europeus estabelecidos pela catequese e pela colonização, rompendo com os antigos costumes e conhecimentos arquitetônicos.

As grandes edificações comunitárias indígenas, que abrigavam muitas famílias, eram incompatíveis com os costumes familiares europeus estabelecidos pela catequese e pela colonização.

O reino das taipas

Tanto as primeiras casas paulistas quanto as construídas até fins do século XIX utilizaram duas técnicas principais: a taipa de pilão, de origem árabe, e o pau-a-pique. A primeira delas consistia em socar terra com pilões de madeira dentro de fôrmas, em camadas superpostas, até a formação de uma parede. Duríssima quando bem executada, precisava apenas ser protegida das chuvas, que tinham o poder de dissolvê-la lentamente. Marca registrada dos paulistas, a taipa de pilão foi utilizada também em áreas de penetração bandeirante, como Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Paraná.

Já o pau-a-pique, também chamado de taipa de mão, ou de sopapo, consistia basicamente em um entrecruzamento de paus roliços ou cortados, formando uma superfície depois preenchida com barro. A técnica, que propiciava construções bem mais frágeis que as de taipa de pilão, era a mais utilizada nas casas populares.

Os tijolos cozidos no forno ou ainda aqueles secos ao sol, chamados de adobe, tiveram presença restrita durante o período colonial paulista. Pode-se dizer o mesmo das paredes de pedra, muito comuns nas vilas litorâneas, em que havia afloramentos rochosos. Acima da Serra do Mar, portanto, as taipas reinavam.



9 Empena de pau-a-pique da primeira metade do século XIX, solar Rangel de Camargo, Guaratinguetá.

Também chamado de talpa de mão, o pau-a-pique foi uma técnica construtiva que permaneceu usual nas habitações rurais e urbanas desde o período colonial até as primeiras décadas republicanas.

10



10 Postal de rancho de madeira e sapé, de Guilherme Gaensly, s/d.

Cobertas de sapé, erguidas em pau-a-pique ou com toras de madeira, as frágeis casas rústicas das camadas populares deviam ser refeitas constantemente.

Quanto à cobertura das construções, as palhas herdadas dos índios predominaram durante séculos nas casas das camadas populares, sendo as telhas de barro sinal de riqueza e distinção social.

Nenhuma das rústicas casas urbanas do século XVI, concentradas sobretudo nas vilas de Santo André da Borda do Campo e de São Paulo, foi preservada. Do século XVII, presume-se que tenha restado apenas aquela denominada de *Suzana Dias* ou *do Anhangüera*, localizada na praça da Matriz de Santana de Parnaíba. Trata-se de uma casa térrea, de grossas paredes de taipa de pilão, que hoje formam quatro cômodos. Sua cobertura é composta por madeiramento e telhas côncavas chamadas de "capa e canal", também conhecidas por telhas coloniais, que se projetam para fora da construção mediante os chamados beirais, que projetavam as águas da chuva para longe das paredes de taipa.

11



11 Casa apelidada "de Suzana Dias" ou "do Anhangüera", praça da Matriz de Santana de Parnaíba. Erguida com paredes de taipa de pilão e coberta com telhas de barro, é uma das mais antigas residências urbanas do Brasil, possivelmente construída no século XVI.

Os materiais utilizados nas construções dos séculos XVII e XVIII ainda são utilizados atualmente? Por que alguns deles foram substituídos? Quais são as diferenças mais marcantes?

Os escassos ornamentos dessa construção constam, sobretudo, de “cachorros”, suportes de madeira colocados sob os beirais, delicadamente esculpidos. Esses elementos aparecem em várias edificações rurais paulistas do período colonial, muitas vezes em forma de golfinhos ou em “peito de pombo”. Já as janelas e portas da casa de Parnaíba possuem ainda as vergas retas — vigas de madeira que coroam portas e janelas —, predominantes em São Paulo e em outras regiões até a segunda metade do século XVIII. Nesse período começam a ser introduzidas as vergas curvas, em forma de “canga de boi”, isto é, com o formato da trava superior existente nos carros de boi para prender o animal, forma muito comum nas janelas e portas das cidades mineiras coloniais e também nos sobrados de Parati.

12



12 Cachorro de madeira entalhada, segunda metade do século XVIII, sede do Sítio do Padre Inácio, Colíia.

Realizados usualmente na resistente canela-preta, os cachorros entalhados com motivos geométricos, ou animais estilizados, serviam tanto para sustentar os beirais que protegiam das chuvas a talpa de pilão quanto para a ornamentação das residências mais ricas.

Possivelmente em fins do século XVII ou ao longo do século seguinte foram construídas, no Vale do Tietê, casas urbanas com janelas encostadas nos beirais. Trata-se do que os documentos do período denominam de “sobrado”, isto é, aquilo que sobra, uma espécie de sótão, o que é, portanto, muito diferente do sentido atual dessa palavra.

13



13 Pseudo-sobrado, Santana de Parnaíba.

Dotados de um pavimento superior parcial, revelado pelas janelas encostadas nos beirais, os falsos “sobrados” dos séculos XVII e XVIII são as mais antigas manifestações de construções assobradadas paulistas.

14



14 Casas térreas com arcos de canga em Santana de Parnaíba.

Usuais na segunda metade do século XVIII e nas primeiras décadas do século seguinte, as janelas de arco abatido, também chamado “de canga” pela semelhança com a canga de madeira dos carros de boi, ainda são encontradas em sobrados e casas térreas de várias localidades dos vales do Tietê e do Paraíba.

CONEXÃO

Em Santana de Parnaíba, os largos de São Bento e da Matriz e a chamada “rua de baixo” ainda possuem diversos “sobrados” do século XVII, alguns deles restaurados com o apoio de um programa municipal de preservação. Outro exemplar desses “sobrados” encontra-se em Porto Feliz: a Casa da Alfândega, na praça Duque de Caxias.

Em sua cidade há residências dos séculos XVII e XVIII? O que é feito para conservá-las?

As casas “bandeiristas”

O Vale do Tietê, entre Itaquaquecetuba e Itu, concentra também as mais antigas residências rurais do período colonial paulista. Foram chamadas de casas “bandeiristas” em razão da época de construção da maioria delas, embora não estivessem necessariamente associadas aos bandeirantes. Trata-se, por excelência, da casa rural paulista dos séculos XVII e XVIII, o que, portanto, já inclui tropeiros e senhores de engenho entre seus proprietários mais tardios.

Há várias dessas edificações rurais na própria capital paulista. Talvez a mais antiga seja a chamada Casa do Tatuapé, cuja construção deve ter ocorrido entre 1668 e 1698, conforme documentação da época. A sede do chamado Sítio Morrinhos tem inscrita em sua porta de acesso a data 1702, o que permite datá-la com certa segurança. Porém, a mais célebre é a Casa do Butantã ou Casa do Bandeirante, apelido complicado, já que a habitação foi construída possivelmente nos primeiros anos do século XIX, período em que as bandeiras já não existiam.

A região entre Cotia e Itu concentra a maior quantidade de casas “bandeiristas” fora da capital. Entre as mais famosas estão a sede do Sítio Santo Antônio, em São Roque — adquirida pelo escritor Mário de Andrade e doada por ele à União —, a casa do Sítio do Padre Inácio, em Cotia, o Sítio do Rosário, em Itu, e a Chácara do Quinzinho, em Sorocaba.

Entre as características da casa “bandeirista” estão: a planta composta de pavimento único, com três fileiras de cômodos perpendiculares ao frontispício da casa: a sala central, ligada diretamente à maioria dos cômodos; e um “corredor” fronteiro (palavra que designa não uma passagem interna, mas uma espécie de alpendre ou varanda) em geral encaixado entre dois cômodos também fronteiros, um deles destinado à capela doméstica e o outro, isolado, reservado ao acolhimento de hóspedes.

Em algumas delas, há também um pequeno pavimento superior, que corresponde àquele existente nos “sobrados” urbanos coloniais. Nos exemplares mais tardios, havia um outro corredor posterior para os afazeres domésticos e as refeições, enquanto o fronteiro se destinava à recepção social ou às refeições dos hóspedes. As cozinhas eram construídas em “puxados” anexos, chamados tacaniças. Outras podiam localizar-se nas edificações satélites à casa-sede. Essas pequenas construções também abrigavam quartos para criados e hóspedes, depósitos de gêneros, paióis, moinhos de milho ou trigo (os monjolos), moendas para cana, casas para escravos (mas ainda não as senzalas, que só apareceriam no século XVIII), galinheiros e currais, tudo cercado por valas na terra ou por cercas de madeira ou taipa.

15



15 Vista frontal da sede do Sítio do Padre Inácio, Cotia.

Uma das mais requintadas construções domésticas entre o grupo chamado de “casas bandeiristas”, a sede do Sítio do Padre Inácio foi erguida pela família Barros, na segunda metade do século XVII, e tem vários elementos característicos dessa tipologia arquitetônica, como o corredor frontal, a planta com cômodo central e o telhado de quatro águas com dupla inclinação.

Ao redor das sedes havia ainda rústicas moradias de índios escravizados, chamadas “casas dos negros”. As mais antigas, denominadas “tijupares”, eram extensas, coletivas e com tetos de palha, à semelhança das moradas pré-cabralinas já mencionadas. Ao longo do século XVII, elas se fragmentaram em pequenas construções unifamiliares cobertas de telha. Só no século XVIII essas residências passaram a ser denominadas “senzalas”, já quando os escravos vindos da África se tornaram comuns na região. Aliás, “negros” é termo que, em São Paulo, designava sobretudo os índios, os “negros da terra”. O africano era denominado “peça de Angola”, “gentio da Guiné” ou, em tupi, *tapanhuno*.

A região de Itu concentra muitos dos exemplares considerados tardios das casas “bandeiristas”, erguidos a partir da segunda metade do século XVIII. Entre as alterações dessa fase estão: a ampliação dos prolongamentos dos telhados, a introdução de vergas curvas nas janelas e a elevação do piso para evitar a umidade por meio da colocação de assoalhos de madeira.

As construções incorporaram elementos da arquitetura da região do garimpo, de onde voltavam paulistas ou migravam mineiros por causa da decadência aurífera. No entanto, não é muito apropriado chamá-las de “bandeiristas”, já que a maior parte de seus construtores estava ligada à produção de açúcar ou ao tropeirismo.

As casas “bandeiristas” começaram a ser erguidas no tempo do sertanismo, mas seus exemplares tardios datam da era dos tropeiros e dos engenhos de açúcar.

CONEXÃO

Muitas casas “bandeiristas” são mantidas cuidadosamente por seus proprietários atuais. Na região de Itu, por exemplo, pode-se mencionar a restauração da sede do Sítio do Rosário, realizada pela família Pacheco, a quem a casa pertence desde a sua construção, em 1756, e as obras de restauro e adaptação da casa “bandeirista” e dos anexos da Fazenda Capoava, hoje transformada em hotel-fazenda.



A relativa abundância de casas “bandeiristas” na capital e na região do Médio Tietê contrasta com sua absoluta ausência no Vale do Paraíba. Não se sabe ao certo o porquê. A riqueza do café pode ter sido responsável pela derrubada de moradas rurais mais antigas, já que o mesmo ocorreu com as casas urbanas, o que talvez explique o vácuo das casas “bandeiristas” num dos pólos mais antigos da colonização paulista.

O interior das casas coloniais

O mobiliário das casas tinha como referência os costumes portugueses, como acontecia em toda a colônia. O que variava era a quantidade, sempre menor e mais simples nas terras paulistas.

As camas, por exemplo, eram raras. O catre simples, móvel de madeira mais costumeiro para repouso, manteve-se sobretudo entre as camadas populares.



16 Sede da Fazenda Capoaiva, Itu.

Marcada por muitas características das “casas bandeiristas”, como a planta quadrangular e a capela no cômodo à direita do corredor frontal, a sede foi construída no período açucareiro de Itu. A fazenda tem ainda várias construções anexas, como as senzalas e a tulha, esta já da segunda metade do século XIX, quando o café era cultivado em suas terras.

O mais comum era dormir nas redes, como faziam os indígenas. Nas casas “bandeiristas”, havia comumente cabos de madeira fincados no chão para prender as redes, que não podiam ser penduradas nas paredes de terra compactada.

Caixas, baús, canastras e arcas compunham o mobiliário até a vulgarização dos armários, já na segunda metade do século XIX. Bancos simples de madeira eram as peças mais comuns. Além deles, mesmo os paulistas com um pouco mais de recursos utilizavam mesas retas de madeira e cadeiras igualmente singelas.

Os móveis mais suntuosos, como as mesas de pés torneados, chamadas bufetes, e as cadeiras de jacarandá ou vinhático, estavam ao alcance apenas das mais ricas famílias. Durante o século XVII e parte do XVIII, eram especialmente cobçadas as chamadas cadeiras de estado, com assento e espaldar de couro lavrado e tachas de latão. Os encostos podiam ser adornados com gravações de motivos vegetais, arabescos e até mesmo brasões.

17



18



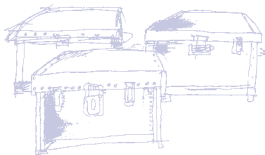
17 e 18 Cadeira de estado, apelidada de "Cadeira do Ouvidor".

Realizada em São Paulo provavelmente nos primeiros anos do século XVII, e desde então transmitida na mesma família por oito gerações, a peça é um exemplo importante do mobiliário colonial paulista chamado "de sola", nome que designa o couro laurado utilizado no assento e no espaldar de cadeiras, bancos e móveis de descanso.

As pratarias domésticas estiveram igualmente presentes, principalmente após o enriquecimento propiciado pela descoberta do ouro. Os objetos mais comuns eram as salvas (espécie de prato, ou bacia, amplo e raso), pratos e talheres — embora aqui, como na Europa, a maior parte das pessoas comesse com as mãos. Já as camadas populares tinham de se contentar com objetos de estanho ou, sobretudo, com artefatos de madeira.

As peças em cerâmica também tiveram grande uso, uma vez que muitas mulheres índias dominavam esse tipo de artesanato. Porcelanas asiáticas e louças européias eram tão raras quanto difíceis de transportar até as vilas do sertão, o que tornava seu preço proibitivo.

Nas cozinhas, predominavam os tachos, as caldeiras, os caldeirões e as frigideiras de cobre e de ferro, mais raramente de estanho ou latão. As camadas populares e os índios cativos costumavam usar panelas de barro. O desgaste constante desses objetos impediu sua sobrevivência até o presente, mas o conteúdo ali preparado, este sim, atravessou os séculos na medida em que suas receitas foram transmitidas de geração a geração.



As moradias do açúcar

Na segunda metade do século XVIII, as modificações mencionadas na planta da casa “bandeirista” começavam a expressar as grandes rupturas nas formas de morar, rurais e urbanas, que a riqueza do comércio tropeiro e da cana-de-açúcar traria.

Enquanto nos engenhos do litoral todas as funções, incluindo a residência, estavam sob o mesmo teto, nas fazendas do chamado “Quadrilátero do Açúcar” — a vasta área de canaviais entre Sorocaba, Piracicaba, Jundiaí e Mogi-Guaçu — as casas do engenho, das fornalhas e outras instalações continuavam dispersas, seguindo os velhos padrões da arquitetura rural paulista. Apenas as senzalas para escravos africanos ou afro-brasileiros passaram a ganhar destaque como novidade.

Já mencionou-se anteriormente que vários exemplares tardios de casas “bandeiristas” na região de Itu vinculavam-se à arquitetura mineira nos prolongamentos que rompiam os telhados ou na introdução de vergas de arco abatido (“canga de boi”) nas janelas.

Na área sorocabana, quase impermeável à influência mineira, o velho padrão arquitetônico também mudava. As capelas que geralmente se localizavam no cômodo à esquerda dos antigos corredores frontais e que eram acessíveis aos agregados ou visitantes desapareciam, passando as orações a serem feitas apenas pela família, em oratórios internos. Na sede da Fazenda Passa Três, da família do brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, o antigo corredor frontal dava lugar a uma sala fechada de recepção; o corredor do fundo permanecia, abrigando as refeições familiares.

Nas vilas do Vale do Tietê e na cidade de São Paulo também ocorriam transformações. A mais relevante talvez fosse a intensificação da construção de sobrados efetivos, isto é, com ao menos dois pavimentos completos, em sua maioria erguidos por empresários ligados ao tropeirismo, à produção e ao comércio do açúcar.

No final do século XVIII, as mudanças arquitetônicas expressavam a riqueza dos empresários do açúcar e do tropeirismo.

Isso significa que, antes do surto de riqueza associado ao café, as fortunas propiciadas pelo açúcar, pelas tropas e pelo comércio — e também pelo obscuro e lucrativo tráfico de escravos africanos — foram responsáveis pelos primeiros sinais de opulência no Vale do Tietê, bem como nas áreas do Quadrilátero do Açúcar e na rota tropeira de Sorocaba. A luxuosa matriz ituana da Candelária é um indício do requinte existente em algumas vilas do interior enriquecidas pela cana ou pelas tropas.

Datam das últimas décadas do século XVIII alguns dos grandes sobrados de Sorocaba, já demolidos, que testemunhavam a prosperidade trazida pelas tropas. Foi o caso da residência de Salvador de Oliveira Leme, o Sarutaia, primeiro coletor de impostos da feira de muares sorocabana.

Em Campinas, Saint-Hilaire percebeu acabamentos luxuosos ao visitar a casa de João Francisco de Andrade:

A casa do capitão-mor, que era nova e muito bonita, mostrava que o seu proprietário era um homem de posses. As salas de visita e de jantar e os quartos que me foram mostrados tinham as paredes pintadas a óleo até meia altura, imitando mármore, e em seguida caiadas até o teto, ornado com guirlandas de flores. Nessa época esse tipo de decoração, não de todo destituído de elegância, parecia bastante em uso entre os brasileiros ricos.

Dentro dessas residências também mudavam os padrões do mobiliário. Mesas leves aos poucos substituíram os pesados bufetes do período sertanista. As peças com assentos e encosto de palhinha também começavam a aparecer, destronando os móveis de couro lavrado.



A chegada dos mineiros e as novas formas de morar

As alterações então processadas nas casas "bandeiristas", nas residências urbanas e no mobiliário não foram as únicas a caracterizar a transformação das moradias paulistas. Dois novos tipos de casas rurais foram introduzidos pelos mineiros que migravam para São Paulo: o sobrado de dois pavimentos plenos e o sobrado de meia-encosta.

Diferentemente das velhas casas rurais paulistas, sempre térreas, as sedes "mineiras" em São Paulo tinham dois pavimentos. Isso permitiu a delimitação entre as áreas de habitação e de serviços domésticos e aquelas vinculadas à produção, destinadas aos depósitos ou à moradia de escravos.

O remanescente mais importante dos sobrados rurais plenos é a sede da Fazenda Salto Grande, localizada na cidade de Americana e tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) em 1982. Teria sido construída pelo mineiro Manuel Teixeira Villela, já nos primeiros anos do século XIX, sendo utilizados a taipa de pilão para as paredes externas e o pau-a-pique para as internas.

Outro tipo de sede rural atribuída aos mineiros, o de meia-encosta, caracterizava-se pelo assentamento em declive. Tinha apenas um andar pleno, o superior, enquanto o inferior apresentava menores proporções, pois encaixava-se na encosta que suportava parte do piso superior. Um terreiro externo, chamado quadrado, era comum ao lado desse piso superior.

Na área do Quadrilátero do Açúcar, figuram entre os mais notáveis exemplares de casas rurais de meia-encosta as sedes do Engenho Tatu, em Limeira, e da Fazenda Milhã, em Piracicaba. Mais ao norte, na divisa com Minas, em áreas de criações e de agricultura de subsistência, outras fazendas foram construídas por mineiros, sempre com pau-a-pique, alicerces de pedra e distribuição de cômodos livre das tradições bandeiristas. A já demolida sede da Fazenda Jaborandi, situada em Altinópolis, era um excelente exemplo dessa arquitetura nascida mineira e tornada paulista.



A arquitetura dos tempos do café

A abertura de fronteiras agrícolas, as transformações urbanas, a implantação de ferrovias, a chegada em massa de imigrantes europeus, a riqueza e o poder político crescentes foram algumas entre as muitas mudanças associadas à presença do café em terras paulistas desde o início do século XIX. E, entre todos os legados culturais deixados pelo desenvolvimento da economia cafeeira, destacaram-se as transformações no modo de morar.

A construção de fazendas, senzalas e colônias de imigrantes por todo o território paulista, bem como o incremento das construções urbanas, estimulado pela importância das vilas e das cidades como centros comerciais e ferroviários, propiciou o surgimento de um amplo e diversificado conjunto arquitetônico nos municípios mantidos pela produção cafeeira.

A riqueza gerada nos cafezais possibilitou às elites paulistas uma produção arquitetônica de grande magnitude. As modestas casas “bandeiristas” e os primeiros engenhos de açúcar foram suplantados pelas fazendas de café, tanto no que se refere à dimensão das sedes e ao requinte da decoração interna quanto à imensidão de senzalas, construções e terreiros para beneficiamento e estocagem dos grãos, além das fileiras de pequenas casas destinadas aos imigrantes.

Entre os principais legados culturais deixados pelo desenvolvimento da economia cafeeira, destacaram-se as radicais transformações no modo de morar.



Compare as formas de morar aqui descritas e as moradias atuais. Quais foram as mudanças mais significativas?

O Vale do Paraíba, a primeira região a enriquecer com o café, guarda muitos remanescentes das grandes fazendas e do casario urbano do século XIX, em que há amplo predomínio da arquitetura ligada à produção baseada no trabalho escravo. Já no Oeste Paulista — área cafeeira que, a partir de Itu e Campinas, se estende até o norte e o noroeste do Estado —, a maioria dos testemunhos arquitetônicos está vinculada à era dos imigrantes assalariados, iniciada na década de 1870, embora haja exemplos de fazendas que utilizavam mão-de-obra escrava, como a do Pinhal, em São Carlos, que ainda mantém as habitações dos cativos.

No Vale do Paraíba, houve um predomínio absoluto das fazendas com vastas senzalas, que remetem a uma economia cafeeira impulsionada pelo braço escravo, enquanto no Oeste Paulista as colônias de trabalhadores livres, com uma casa para cada família, marcavam a paisagem das propriedades rurais a partir das últimas décadas do século XIX.

Os vários tipos de senzala

Nas décadas seguintes à Abolição, grande parte das senzalas foi destruída ou profundamente alterada pelos proprietários das fazendas paulistas. Essa devastação fez com que os remanescentes dessas habitações escravas tenham se tornado uma modalidade arquitetônica bastante rara no Estado, como acontece, aliás, no restante do Brasil.

As construções que sobreviveram, as descrições relatadas pelos inventários e os relatos de época permitem, contudo, identificar três tipos básicos de habitações escravas. O primeiro deles, raro em São Paulo, consistia em pequenas casas ou cabanas; o segundo era caracterizado por grandes construções térreas, com cômodos amplos para habitação coletiva, às vezes com separação por sexo; o terceiro tipo era composto por edificações térreas divi-

didadas em pequenos cômodos, destinados a casais ou famílias. Muitos escravos dormiam na própria sede, seja quando não havia um número suficiente de cativos que justificasse uma senzala, seja no que se refere aos escravos “de dentro”, diretamente ligados aos serviços domésticos.

No Vale do Paraíba há alguns exemplos de senzalas, como as da Fazenda Pau d’Alho, em São José do Barreiro. No Oeste Paulista, podem ser citadas aquelas senzalas de formato retilíneo, ou dispostas em pátios na forma de U, existentes na região de Araraquara e São Carlos, como a da Fazenda do Pinhal.

Dois telas a óleo, realizadas na segunda metade do século XIX, retratam as fazendas Antinhas e Boa Vista, localizadas em Bananal, e mostram como eram suas senzalas, hoje desaparecidas. Em ambas, as habitações dos cativos estão dispostas em “quadro” ou quadrado, isto é, formando um pátio quadrangular que facilitava o controle da escravaria pelos proprietários.

É desse tipo a senzala descrita por Floriza Barbosa Ferraz, filha de um fazendeiro de Rio Claro, em seu diário:

Acompanhando as suas paredes internas, havia uma infinidade de pequenos quartos dando todas para um pátio no centro do quadrado. Ali os escravos tinham apenas as suas camas, às quais eram feitas com ripas de coqueiro e forradas com esteiras ou colchões de palha rasgada.



19 Retrato da sede da Fazenda Antinhas, em Bananal, realizado por José de Lima, c. 1870. Localizadas junto à residência dos fazendeiros, as senzalas da fazenda eram dispostas em quadrados fechados, facilitando o controle dos escravos.

As condições internas das senzalas não eram minimamente adequadas, sendo a ventilação rarefeita pela ausência de janelas ou pela pequenez das aberturas junto ao telhado. O piso era composto quase sempre de terra batida, e a cobertura, de telhas de barro ou palha. A técnica construtiva habitual era o pau-a-pique. As senzalas mais tardias, porém, foram erguidas com tijolos.

Neoclassicismo à paulista

As sedes das fazendas paulistas, que sobreviveram em muito maior número que as senzalas, eram bem menos sofisticadas em seu aspecto externo que as das propriedades rurais fluminenses, também erguidas no período cafeeiro. O estilo neoclássico francês, introduzido no Brasil pela Missão Artística de 1816, foi reelaborado em São Paulo, como em outras províncias do Império, num grande despojamento de elementos eruditos decorativos.

NEOCLASSICISMO

O estilo neoclássico, surgido na Europa na segunda metade do século XVIII, retomou as colunas, as pilastras e os frontões triangulares característicos da arquitetura da Antiguidade greco-romana. Tais elementos raras vezes são encontrados nas fazendas paulistas. No entanto, outros aspectos neoclássicos estão presentes, tais como a simetria nas fachadas, cujas janelas e portas são dispostas em torno de um eixo de centralização, e os arcos plenos (de 180°) em janelas e portas, fechados com grades de madeira ou metal, chamadas "bandeiras".

Três tipos básicos de sede neoclássicas eram encontrados em São Paulo durante o século XIX: as térreas, as de sobrado de meia-encosta e as de sobrado pleno. Quanto às térreas, podem ser citadas, entre demolidas e ainda remanescentes, as da Várzea (Queluz), Bonito (Lorena), Boa Vista (Guaratinguetá), Pasto Grande, Piedade, Quilombo, Fortaleza e do Sítio do Pica-Pau Amarelo — da infância de Monteiro Lobato — (Taubaté), Santo Antônio (Jambeiro), Boa Vista (Redenção da Serra), Conceição (Caçapava), Santo Agostinho (São José dos Campos), Jardim (Jacareí), Santa Helena (Amparo), Fontoura (Campinas) e Saltinho (Itirapina).

Os sobrados de meia-encosta, que permitiam o uso do subsolo graças ao aproveitamento do desnível do terreno, estiveram presentes em diversas localidades do Vale do Paraíba e do Oeste Paulista. A Fazenda Restauração, localizada em Queluz e perfeitamente conservada, foi erguida em taipa de mão pelo mineiro Teodoro José da Silva em 1867, constituindo um dos melhores exemplos dessa arquitetura de inspiração mineira em meio aos cafezais, tendo não apenas a sede mas também a tulha em meia-encosta, além do terreiro superior e de outro inferior.

Também se enquadram nessa tipologia as fazendas Alves (São Luiz do Paraitinga), Conceição e Bom Retiro (Paraibuna), Tijuco Preto (Guaratinguetá), as imponentes Serrote e Caeté (Santa Branca) e, no oeste cafeeiro, a imensa Santa Eudóxia, com dezoito janelas de frente, e a Fazenda Conceição (São Carlos).

São Carlos conserva ainda outra construção de meia-encosta: a sede da Fazenda do Pinhal. Mantida pela família do conde do Pinhal há gerações, a sede foi tombada pelas instâncias federal e estadual, o que garantiu a preservação de um valioso exemplar das antigas casas rurais do café. Todas as dependências de serviço e as senzalas foram igualmente conservadas, bem como o conjunto de objetos pertencentes à família, permitindo reconstituir com precisão a vida material da fazenda em diferentes períodos históricos.

A última tipologia de sede de fazenda cafeeira do século XIX é a do sobrado pleno, isto é, de dois pavimentos completos. Um desses sobrados foi o primeiro patrimônio tombado pelo Condephaat em São Paulo, ainda em 1969. Trata-se da sede da Fazenda Boa Vista, localizada em Cruzeiro, no Vale do Paraíba: uma vasta construção quadrangular, com catorze janelas de frente. Suas paredes externas foram erguidas ainda com taipa de pilão, sendo as internas e as ampliações de pau-a-pique. A disposição interna é também característica das sedes de fazenda do século XIX, com grandes salões para recepção, sinal da adoção dos costumes europeus, embora ainda mantivesse alcovas no centro da construção.

O tombamento de 1969 incluiu todos os móveis e alfaias da casa, mantidos integralmente pelos descendentes do major Manuel de Freitas Novais, seu proprietário mais importante no século XIX. Grande admirador da família imperial, que chegou a visitar no exílio francês, o major dotou a residência de luxos europeus, como cristais Baccarat e porcelanas de Sèvres. A iniciativa do Condephaat preservou, portanto, um dos mais íntegros testemunhos domésticos das elites oitocentistas.

20



20 Retrato da sede da Fazenda Boa Vista, em Bananal, atribuído a Georg Grimm, c. 1880. Uma das mais ricas fazendas paulistas do século XIX, a Boa Vista possuía dois quadrados de senzalas, ficando no meio deles a casa-sede.



O Vale do Paraíba paulista, a despeito das incontáveis perdas de sedes fazendeiras nos últimos trinta anos, ainda mantém exemplares importantíssimos dos suntuosos sobrados rurais do período imperial. O caso mais notório é a sede da Fazenda Resgate, em Bananal. Construída na primeira metade do século XIX e reformada a partir de 1855, a sede dessa fazenda esconde sob sua simples fachada neoclássica um interior faustosamente decorado. Muitas de suas paredes internas foram decoradas pelo pintor catalão José Maria Villaronga, que recebeu numerosas encomendas em Bananal.

Em muitos casos, as sóbrias fachadas neoclássicas das sedes das fazendas paulistas escondiam um interior luxuoso.

Sorte igual não teve outra sede de sobrado bananalense, a da Fazenda Rialto, construída na segunda metade do século XIX e demolida na década de 1990. Era esta a mais suntuosa das residências rurais paulistas, sendo seu salão principal decorado integralmente com pinturas ilusionistas atribuídas a Villaronga.

21



21 Pintura parietal da Fazenda Rialto, atribuída a José Maria Villaronga, Bananal, c. década de 1860.

Entre as pinturas ilusionistas que decoravam algumas propriedades rurais paulistas do século XIX, destacavam-se as do grande salão da Fazenda Rialto, que, apesar da notável qualidade de seus frisos, pilastras e relevos pintados sobre paredes lisas, foi destruída na década de 1990.



22 Vista de plantação de café, de José Maria Villaronga, c. 1858-1860.

Realizada na sede da Fazenda Resgate, em Banana, esta pintura mural retrata como os fazendeiros do Vale do Paraíba, em vez de preservarem o solo em terraços horizontais, adotavam as longas fileiras verticais de pés de café, que anularam a fertilidade do solo, levado na enxurrada que se seguia às chuvas.

Na quase totalidade dos sobrados rurais do século XIX, o andar superior era um pavimento nobre destinado à moradia dos proprietários, abrigando áreas de estar, dormir e de trabalhos manuais. Assim, rompia-se com uma velha tradição das moradias rurais paulistas, em que os proprietários residiam ao rés-do-chão, dividindo o piso com todas as funções domésticas e mesmo com o dormitório dos escravos.

Instalações sanitárias eram, contudo, uma modernização inexistente, sendo os banhos realizados em recipientes de madeira dispostos em um dos cômodos. As cozinhas ainda estavam em puxados, no pavimento térreo ou em construções anexas à sede. Paióis e tulhas para estocagem e beneficiamento do café, rodas-d'água e canaletas para drenagem, bem como os terreiros para secagem dos grãos, eram outras novidades quase sempre situadas junto à sede, de onde o fazendeiro podia controlar visualmente as atividades de escravos e agregados.

Os sobrados rurais neoclássicos espalham-se por várias regiões paulistas. No Vale do Paraíba podem ser lembradas as sedes das fazendas Santana (Lagoinha), Boa Vista (São Luiz do Paraitinga), do Barbosa, Neuchatel e Engenho d'Água (Guaratinguetá), Santa Elidia (Piquete), Rio Claro (Lavrinhas) e São Miguel (São José do Barreiro).

Na região de Campinas, são ou foram exemplos de sobrados rurais as sedes das fazendas Sete Quedas, Anhumas, Guariroba, Lapa, Santa Genebra, Santa Maria, Santa Úrsula e Santo Antônio da Boa Vista. As sedes das fazendas Mato Dentro e Três Pedras, tombadas pelo Condephaat, constituem edificações neoclássicas campineiras refinadas.

Na região de São Carlos e Araraquara, destacam-se os sobrados neoclássicos das fazendas Bagaçu e Felicíssima, e esta já possui lambrequins (rendilhados de madeira na beira dos telhados) inspirados nos chalés urbanos.

O Eclerismo: das cidades para as fazendas

É também nas regiões do Oeste Paulista que surgem, desde a passagem dos séculos XIX e XX, as sedes de fazenda que incorporavam a linguagem dos palacetes e dos chalés urbanos, muito mais requintados em soluções arquitetônicas e acabamentos externos que os antigos sobrados de feição neoclássica. O Vale do Paraíba não conheceu essa fase da arquitetura rural paulista, na medida em que os solos e os cafezais se esgotavam e não havia recursos que justificassem os gastos demandados pelas novas construções.

O Eclerismo, fase da arquitetura de caráter multifacetado que se inspirava na recuperação de estilos da arquitetura europeia, como o Românico, o Gótico, o Renascentista e o Maneirismo, esteve em voga ao longo do século XIX e em princípios do XX. Sua adoção se deu em todos os quadrantes do país, muitas vezes numa total fusão de elementos dos estilos antigos, que, em princípio, deveriam ser utilizados separadamente.

23



23 "O café para a estação", de Antonio Ferrigno, 1903.

Construída pelo conde Prates em 1898, a capela eclética da Fazenda Santa Gertrudes destaca-se no conjunto de construções da propriedade, quase como uma igreja em uma pequena localidade urbana.

A INSPIRAÇÃO NO PASSADO

O Românico e o Gótico são estilos arquitetônicos medievais, o primeiro caracterizado pelos arcos arredondados e o segundo, por arcos em forma de ogiva. O sóbrio estilo Renascentista expressou-se nos arcos curvilíneos e nas colunas simples inspiradas pela arquitetura greco-romana. O Maneirismo, surgido nos fins do Renascimento, manteve as linhas clássicas, mas intensificou o uso de ornamentos sutucos. Todos eles inspiraram o Ecletismo arquitetônico praticado no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, por isso, sua retomada é antecedida pelo prefixo "neo": neo-românico, neogótico, neo-renascentista, neomaneirismo.

Um dos casos mais relevantes de adoção do Ecletismo em espaços rurais paulistas encontra-se no complexo arquitetônico da Fazenda Santa Gertrudes, na região de Rio Claro. A vasta capela, erguida em 1898, mescla elementos neogóticos e neo-românicos. As tulhas também apresentam janelas de arco ogival, numa combinação de uso e estilo inimaginável na Idade Média. Telhados da torre de observação, da capela e do próprio sobrado seguem os formatos empinados daqueles europeus, fingindo esperar a neve, que jamais cairia no oeste cafeeiro.

Perto da Fazenda Santa Gertrudes, porém, já no município de Itacemópolis, está outro "palacete rural": a sede da Fazenda Morro Azul, também tombada pelo Condephaat. O sobrado é marcado por traços neoclássicos nas janelas e nas pilastras e tem revestimento de azulejos característico dos solares urbanos de São Luís, Recife, Rio de Janeiro ou Santos. No centro da fachada, entretanto, o Ecletismo se manifesta na utilização de uma cúpula inspirada na arquitetura urbana parisiense do século XIX.

A sede da Fazenda Santa Maria do Monjolinho, em São Carlos, é um dos mais evidentes exemplos de sedes ecléticas de aspecto urbano em meio aos cafezais. Concluída parcialmente em 1889 e, ao que consta na tradição oral, erguida por escravos. Arcos ogivais neogóticos foram utilizados em uma *loggia* (galeria com arcos de inspiração italiana) neorenascentista, enquanto a decoração mesclava elementos desta vertente e do neomaneirismo. Seus interiores receberam pinturas ilusionistas nas paredes e nos forros.

A sofisticação dos fazendeiros do Oeste Paulista era favorecida pela malha ferroviária que avançava pelo interior, permitindo não apenas viagens frequentes à capital, ao Rio de Janeiro e à Europa, mas também facilitando a vinda de materiais importados e de artistas para erguer as sedes.

Internamente, os salões luxuosos passaram a ser habituais, indicando uma generalização nos hábitos de receber. Corredores passaram a garantir uma circulação segregada, em vez daquela realizada através dos cômodos. As alcovas foram suprimidas, tendo todos os quartos janelas para ventilação e insolação. Sanitários, banheiros e lavatórios em quartos de dormir foram sendo adotados na medida em que os sistemas de água e esgoto encanados eram disponibilizados. As áreas de serviços e as cozinhas se integraram definitivamente à sede, fazendo desaparecer as construções anexas. As senzalas foram demolidas ou adaptadas para acolher os imigrantes, cujas casas seriam uma marca das fazendas do oeste.



Compare as formas de morar das elites do café com as moradias das elites econômicas de hoje. Existem muitas diferenças?

24



24 Festa de Santo Antônio na Fazenda Santa Maria do Monjolinho, São Carlos, 1909. Circundada de palmeiras tropicais, a sede da fazenda evoca os estilos do passado europeu.

As fileiras de casas dos colonos

Como aconteceria nas vilas operárias nos espaços urbanos, as casas dos colonos representavam uma maneira de estabelecer um padrão de hábitos de moradia aos novos moradores das fazendas, uniformizando-os e disciplinando-os.

As casas, em fileiras indianas, ficavam normalmente entre as fronteiras dos cafezais e as áreas de processamento, ou ao longo dos caminhos, a fim de economizar terra fértil. Jamais estavam concentradas em uma espécie de tecido urbano, como as vilas populares das cidades. Isso gerava uma dispersão pela fazenda geralmente benéfica ao proprietário, pois dificultava o contato entre os imigrantes.

Em Araraquara, São Carlos e outras regiões paulistas, os tipos de colônias mais comuns compunham-se de uma pequena casa de duas águas (ou seja, com duas superfícies formando o telhado), muitas vezes de duas unidades geminadas, cobertas de telhas, com uma planta retangular dividida em quatro cômodos. Dois quartos, sala e cozinha, às vezes conjugados, eram a composição-padrão encontrada nas colônias das fazendas Santa Maria da Babilônia (São Carlos), Paraíso (Itirapina) e São Bento (Dourado). Havendo um puxado para a cozinha nos fundos, liberava-se espaço no retângulo para mais um dormitório, como é o caso das colônias da Fazenda Fosca (Santa Lúcia).



25 Postal de fazenda de café, s/d.

As casas de colonos ocupadas por imigrantes, normalmente dispostas em fileiras, foram uma característica das fazendas de café do Oeste Paulista.

As casinhas normalmente eram de tijolos, cobertas por telhas de barro do tipo capa e canal, sem forração. As casas de pau-a-pique, características dos bairros rurais dos "caipiras", muitas vezes construídas em mutirão, eram utilizadas apenas nas colônias de fazendas menores ou nas áreas de fronteira. Segundo depoimento colhido em Araraquara:

O piso era terra. Então, todo ano era isso, a gente cavoucava ela, que nem se cavoucasse um canteiro na horta, cavoucava, depois jogava um saibro no fundo, da beira do rio, um saibro branco, depois de uns oito dias tava tudo partido, depois era só varrer que aquelas rachaduras iam enchendo de terra e fechava. Ai ficava bonito, mas para varrer precisava jogar água, porque levantava uma poeira.

A privacidade era mínima, pois na maioria das vezes não havia portas entre os cômodos, e as residências ficavam muito perto umas das outras, com as janelas de folhas de madeira constantemente abertas. Instalações sanitárias simplesmente inexistiam.

As moradias nas cidades do café

Se houve perdas inestimáveis em relação às sedes de fazendas, senzalas e mesmo de exemplares de colônias, o desaparecimento de moradias nas cidades e vilas paulistas do café foi ainda maior. O processo de urbanização, ocorrido sobretudo a partir da década de 1960, estimulou a valorização excessiva das terras urbanas, provocando demolições em massa das antigas moradias, erguidas durante o Império ou mesmo nas primeiras décadas do século XX.



Pense no processo de valorização do solo urbano, ainda em andamento. Você acha que isso pode ameaçar as construções remanescentes do passado paulista?

A pobreza que se abateu sobre o Vale do Paraíba depois da queda abrupta da fertilidade dos solos e da Abolição representou um contraponto à riqueza do Oeste Paulista, permitindo uma estagnação econômica que preservaria muitas das construções do café. Apesar de grandes cidades, como Taubaté, Pindamonhangaba, São José dos Campos e Jacareí, pouco guardarem das antigas residências urbanas, outras como Bananal, São José do Barreiro, Areias,

Paraibuna e, sobretudo, São Luiz do Paraitinga contam com numerosos exemplares da arquitetura residencial urbana desde os primeiros tempos da riqueza cafeeira.

As destruições nas cidades do Oeste foram, entretanto, muito mais graves e generalizadas que no Vale do Paraíba, pois a constante prosperidade econômica propiciou uma fúria demolidora, que se abateu tanto sobre as construções neoclássicas do século XIX quanto sobre aquelas erguidas nas primeiras décadas do século XX, já sob as linguagens do Eclétismo.

Os sobrados erguidos ao longo do século XIX ainda existentes evidenciam uma lenta aproximação das elites cafeeiras em direção às novas formas europeias de sociabilidade, fazendo com que os salões fossem suficientemente amplos para abrigar festas e saraus. As alcovas também desapareceram nos sobrados urbanos, e, como acontecia nas sedes rurais, os corredores favoreceram uma circulação menos invasiva.

Os materiais importados, como mármore, ladrilhos, azulejos e estátuas ornamentais, se disseminaram com a facilidade do transporte ferroviário. O tijolo pouco a pouco substituiu a taipa de pilão e o pau-a-pique, ganhando maior difusão nas últimas décadas do século XIX, como aconteceu também com os banheiros.

A adoção do Neoclassicismo como estilo preponderante nas residências urbanas paulistas se deu, assim como nas fazendas, ao longo do século XIX. As características arquitetônicas eram semelhantes às utilizadas nas sedes rurais. Ao percorrer as ruas de São Luiz do Paraitinga, onde um conjunto de 433 sobrados e casas térreas foi tombado pelo Condephaat em 1982, pode-se visualizar numerosas casas térreas e sobrados de fisionomia neoclássica.

Os sobrados erguidos ao longo do século XIX evidenciam uma lenta aproximação das elites cafeeiras em direção às novas formas europeias de sociabilidade dos salões, que abrigavam grandes festas e saraus.

Quase todos os municípios cafeeiros paulistas durante o período imperial tiveram grandes sobrados neoclássicos. Bananal conserva talvez o maior deles, erguido por volta de 1850 pelo comendador Manuel de Aguiar Vallim, proprietário da Fazenda Resgate. Sua residência na cidade tem

26



26 Portas de sobrados, São Luiz do Paraitinga.

As cores fortes são um gosto contemporâneo que recobre as portas oitocentistas de muitas construções de São Luiz do Paraitinga, cidade que guarda um dos maiores conjuntos residências urbanas do período cafeeiro no Estado de São Paulo.

dezesseis janelas-balcão de frente, todas com gradis de ferro batido. Uma escadaria monumental bifurcada leva aos salões superiores: um deles, destinado aos bailes, tem até um camarote para orquestras de câmara. Esse sobrado encontrava-se em estado precário de conservação, e a comunidade local vem empreendendo esforços para sua restauração.

Entre os sobrados urbanos que se assemelham a pequenos palácios, destacam-se o que pertenceu ao conde Moreira Lima, construído em 1852 (Lorena), o solar Gomes Leitão, de 1857 (Jacareí), o do barão de Itu, Bento Paes de Barros, concluído em 1858 (Itu), e o solar da baronesa de Dourados, de 1863 (Rio Claro). Em Itu, foi erguido outro dos mais ricos sobrados paulistas do século XIX, tombado pelos governos federal e estadual: aquele que sediou a Convenção Republicana de 1873. Sua fachada, concluída em 1867 pela família Almeida Prado, encontra-se recoberta de azulejos — decoração pouco habitual em São Paulo.

27



27 Sobrado de Carlos Vasconcellos de Almeida Prado, atual Museu Republicano, Itu.

Comuns em cidades como São Luís, Belém ou Rio de Janeiro, os sobrados de fachada revestida de azulejos foram muito raros no interior paulista.

O Eclétismo também foi extensamente utilizado nos sobrados urbanos, bem como nos palacetes de feição francesa, já recuados do alinhamento da calçada e cercados de jardins. Em Amparo, existem muitas edificações urbanas inspiradas nesse estilo, sendo várias delas tombadas pelo Condephaat.

Em Pindamonhangaba, o magnífico Palacete Palmeira, construído em meados do século XIX, assinala a transição do Neoclassicismo para a linguagem eclética. Seus interiores incorporaram requintes construtivos utilizados em palacetes da Corte.

28



28 Fachada lateral do Palacete Palmeira, Pindamonhangaba.

Raro remanescente da arquitetura oitocentista da cidade, o palacete foi uma das mais requintadas residências urbanas erguidas durante o período imperial em todo o Brasil.

Palacetes ecléticos ajardinados, à semelhança dos encontrados na avenida Paulista e nos bairros paulistanos de Campos Elíseos e Higienópolis, também foram erguidos no interior paulista, embora seus grandes terrenos tenham sido alvo quase sempre da cobiça das imobiliárias. A Vila Eduardo, em Itu, com seus frontões de chalé, evidenciava essa transformação arquitetônica, assim como a Vila Santo Aleixo, ainda existente em Taubaté.

29



29 Vila Santo Aleixo, Taubaté.

A modo dos palacetes afastados da calçada e cercados de jardins, comuns nos bairros paulistanos da Belle Époque, também se alastrou pelas cidades do interior paulista.

As casas térreas acabavam por apresentar, mesmo que em escala menor, as mesmas transformações estilísticas e de técnicas construtivas por que passavam os sobrados. A adoção do porão alto fez com que a maior parte das novas casas térreas da segunda metade do século XIX adquirisse uma certa privacidade em relação à rua, na medida em que o piso único ficava mais elevado e, portanto, resguardado em relação aos pedestres.

Os porões exigiram também uma pequena escada logo depois da porta de entrada para vencer o desnível. Era comum o uso de uma segunda porta, esta sim trancada, o que criava uma comunicação fluida entre os espaços da rua e da casa. Essa zona intermediária foi lentamente abolida em razão da violência urbana das últimas décadas do século XX, perdendo-se então aquela gostosa sensação de acolhimento que o jogo das duas portas permitia.

Quase sempre um corredor era revelado após a segunda porta das casas térreas, para o qual se abriam as portas dos quartos. Tal disposição criava uma espécie de segunda rua, perpendicular àquela verdadeira, externa à residência. Os corredores garantiam privacidade, até então inexistente, uma vez que anteriormente a movimentação dos moradores ocorria por meio dos próprios cômodos conectados pelas portas.

Outra característica fundamental das construções térreas, adotada já a partir das duas últimas décadas do século XIX naquelas mais ricas, foi a mudança da entrada das casas para a lateral do terreno, eliminando a porta colocada sobre a calçada.

Tombada pelo Condephaat, a casa neoclássica do barão de Almeida Lima, localizada em Capivari, tem, dispostos sobre os umbrais do portão de ferro lateral, dois leões de louça como que a protegê-la. O adorno, bastante difundido no século XIX, tornou-se conhecido como "leões de chácara", origem da expressão que hoje designa os seguranças posicionados, por exemplo, diante de um estabelecimento comercial.

A modernização das moradias urbanas das elites e de setores médios representou o sinal mais evidente da inserção das cidades do interior paulista num circuito de enriquecimento e de adoção de costumes europeizados. As habitações populares, erguidas pelos braços de seus moradores, acompanharam com dificuldade essas inovações. Mesmo os benefícios da rede de água e esgoto encanados foram lentamente incorporados. Sem falar na novidade absoluta, a luz elétrica (que em São Paulo estreou na próspera Rio Claro, em 1885, e não na capital), que aos poucos desbancou os candeeiros e os lâmpões das moradias mais pobres.



Pense na gradativa difusão dos serviços urbanos, como eletricidade, água tratada e esgoto. No início do século XX, somente as elites usufruíam dessas comodidades.

As vilas operárias e ferroviárias

Com habitações populares padronizadas, as vilas operárias e ferroviárias do interior paulista estiveram diretamente vinculadas à modernização econômica e tecnológica desencadeada pelo café.

Cabe lembrar que a industrialização paulista teve início no interior, seja nas pioneiras forjas de ferro de Iperó, na Fazenda Ipanema, seja nas indústrias movidas a força hidráulica ou a vapor, como as tecelagens de Itu, Sorocaba, Salto e São Roque, ou ainda nas usinas de açúcar em cidades como Porto Feliz e Piracicaba. A presença proletária foi, portanto, bastante significativa no interior, fazendo com que, em algumas localidades, fossem construídas as chamadas vilas operárias. Eram casas simples, muito semelhantes entre si, tanto nas fachadas quanto nas plantas, e, que pela própria padronização, funcionavam como forma de controlar o comportamento dos trabalhadores.

As vilas operárias com suas casas padronizadas visavam ao controle do comportamento dos trabalhadores.

Em Americana, por exemplo, a construção de vilas para o operariado marcou o cotidiano local. Servindo aos empregados da Fábrica de Tecidos Carioba, fundada em 1875 e reaberta em 1902 pelo imigrante alemão Franz Müller, a chamada Vila Carioba era composta de diferentes tipos de habitação, recebendo desde funcionários administrativos até os operários propriamente ditos.

Outro conjunto importante para a história das moradias fabris é aquele das vilas operárias da cidade de Salto, pioneira na produção de tecidos. O complexo fabril da Brasital, empresa italo-brasileira estabelecida na cidade em 1919, era composto de tecelagens, fiação e fábrica de papel, administrando nada menos que cinco vilas operárias. Uma delas, erguida entre 1920 e 1925, dispunha de 244 casas para os empregados.



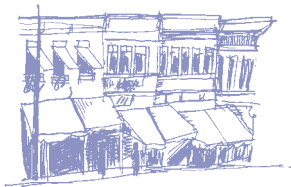
30 Maquete de vila operária da companhia Brasital, Salto.

Padronizadas e dispostas em ordem geométrica, as moradias construídas pela tecelagem evidenciavam a vontade de regular as normas de comportamento dos empregados.

As vilas ferroviárias também tiveram grande presença no interior paulista. O fato de São Paulo ser o Estado com maior malha de estradas de ferro propiciou a construção de várias unidades habitacionais destinadas a abrigar os agentes ferroviários e suas famílias. Sua ocorrência se deu, sobretudo, em cidades com terminais de trem ou entroncamentos ferroviários, como a atual Mairinque, na medida em que a demanda por oficinas de manutenção e mesmo pela preparação do pessoal de bordo tornava necessária a construção de moradias. Essas vilas seguiam padronizações semelhantes às das vilas operárias, sendo igualmente respeitadas as hierarquias de funcionários na distribuição de unidades diferenciadas.

CONEXÃO

Atualmente, na periferia urbana, muitos trabalhadores vivem em moradias improvisadas, em condições piores que nas casas padronizadas das antigas vilas operárias.



Com as portas e as janelas abertas

31



31 Retrato de d. Olívia Guedes Penteado na rede, s/d.

O costume de repousar em redes atravessou os séculos XIX e XX como um traço recorrente do cotidiano paulista, seja para o sono noturno, seja para o descanso nas varandas das casas rurais e urbanas.

Este texto procurou examinar alguns aspectos do cotidiano dos paulistas, tão diferentes entre si, seja no tempo, nos espaços geográficos ou nas origens étnicas. Formas de habitar, entre outras práticas culturais, constituem não apenas as memórias que identificam indivíduos e grupos sociais, mas também os laços com seus ancestrais.

Assim, muito mais que depositados em museus ou em distantes “cidades históricas”, as expressões que formam o patrimônio estão tão próximas de nós que nem nos damos conta de sua presença ou importância. Mas são elas que, na proteção das paredes, nas formas de arrumar a casa e nos aromas vindos da cozinha, fazem com que nos percebamos como sujeitos e também como parte da sociedade.

Cronologia



Construção da chamada casa de "Suzana Dias" ou do "Anhangüera", de taipa de pilão, em Santana do Parnaíba.

Século
XVII

Intensificação da construção das chamadas casas "bandeiristas", como o sítio Santo Antônio, em São Roque.

Segunda
metade do
XVII

Construção dos "sobrados", edificações térreas com sótão, em várias vilas paulistas, como Santana de Parnaíba e Porto Feliz.

Século
XVIII

Surgem casas "bandeiristas" incorporando elementos arquitetônicos mineiros, também presentes nos sobrados rurais de dois pavimentos plenos e nos sobrados rurais de meia-encosta. Aparecem os primeiros sobrados urbanos efetivos.

Segunda
metade do
XVIII



Difusão do estilo neoclássico nas sedes das fazendas e nos sobrados urbanos paulistas.

Século XIX

Reforma da sede da fazenda Resgate, decorada pelo pintor catalão Villaronga.

Década de 1850

Sobrados, palacetes e chalés urbanos incorporam elementos do Eclétismo (com aspectos neo-românicos, neogóticos, neo-renascentistas e neomaneiristas). O Eclétismo também influencia as sedes das fazendas. Multiplicam-se, junto às plantações de café, as casas dos colonos.

Fim do século XIX



Criação, na cidade de Americana, da Vila Carioba, núcleo de moradias operárias.

Década de 1900

Construção de numerosas casas operárias pela indústria Brasital na cidade de São João del-Rei.

Década de 1920



Indicações bibliográficas

Se quiser saber mais sobre os temas tratados neste volume, você pode começar com as obras indicadas abaixo ou consultar também a coleção *Terra Paulista: histórias, arte, costumes*.

ALVIM, Zuleika. "Imigrantes: a vida privada dos pobres no campo". In: NOVAIS, F.A. (dir.) e SEVCENKO, N. (org.). *História da vida privada no Brasil*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BENINCASA, Vladimir. *Velhas fazendas: arquitetura e cotidiano nos Campos de Araraquara*. São Carlos/São Paulo: EdUFSCAR/IMESP, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 9ª ed. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2001.

KAMIDE, Edna H. M. et al. (coords.). *Patrimônio cultural paulista: CONDEPHAAT bens tombados (1968-1998)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

KATINSKY, Júlio Roberto. *Casas bandeiristas*. São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1976.

LEMOS, C.A.C. *Casa paulista: história das moradias anteriores ao Ecletismo trazido pelo café*. São Paulo: Edusp, 1999.

LIMA, Roberto Postans Teixeira. *A cidade racional. Amparo: um projeto urbanístico do oitocentos*. Amparo/Campinas: FCLPAA/Unicamp/CPHAA, 1998.

MAIA, Tom e HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Vale do Paraíba: velhas fazendas*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

MARTINS, Neide Marcondes. *O partido arquitetônico/rural no século XIX (Ponte Feliz, Tietê, Laranjal Paulista)*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

PRESTES, Lucinda Ferreira. *A vila tropeira de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba: aspectos socioeconômicos e arquitetura das classes dominantes (1750-1888)*. São Paulo: ProEditores, 1999.

PUPO, Celso Maria de Meilo. *Campinas, município do Império*. São Paulo: IMESP, 1983.

_____. *Campinas: seu berço e juventude*. Campinas: Academia Campinense de Letras, 1969.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

RIBEIRO, Maria José Ferreira de Araújo et al. "Carloba: uma vila operária no início do século". In: GOBBO, Célia et al. *Preservando nossa história*. Americana, 1999.

SAIA, Luis. *Morada paulista*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

ZEDUINI, Anacleide. *O quintal da fábrica: a industrialização pioneira do interior paulista (Salto-SP, Séculos XIX e XX)*. São Paulo: Annablume, 2004.

Créditos das imagens

- 1 Janela com vidraças e falsa bandeira neoclássica, em sobrado, São Luiz do Paraitinga, fotografada por Paulo César Garcez Marins, 2004.
- 2 Janela com venezianas, vidraças e ornamentação neomaneirista, em casa térrea, Tietê, fotografada por Paulo César Garcez Marins, 2004.
- 3 Janela com vidraças e veneziana, em casa térrea, São Luiz do Paraitinga, fotografada por Paulo César Garcez Marins, 2004.
- 4 Janela esgulas com vidraças e venezianas, de inspiração Art Nouveau, São Luiz do Paraitinga, fotografada por Paulo César Garcez Marins, 2004.
- 5 Janela com vidraças coloridas e casilhos esgulas de inspiração Art Nouveau, Tietê, fotografada por Paulo César Garcez Marins, 2004.
- 6 Janela com vidraças e veneziana, em casa térrea, São Luiz do Paraitinga, fotografada por Paulo César Garcez Marins, 2004.
- 7 Janela com vidraças coloridas, em casa térrea, São Luiz do Paraitinga, fotografada por Paulo César Garcez Marins, 2004.
- 8 Janela com venezianas, em casa térrea, São Luiz do Paraitinga, fotografada por Paulo César Garcez Marins, 2004.
- 9 Vista de empresa de pau-a-pique do solar Rangel de Camargo, Guaratinguetá, fotografada por Carlos Kipnis e Ivan Sayeg, 2004.
- 10 "Um rancho", Guilherme Gaensly, c. 1900, cartão-postal (publicado em: GERODETTI, João Emílio e CORNEJO, Carlos. *Lembranças de São Paulo: o interior paulista nos cartões-postais e álbuns de lembranças*. São Paulo: Solaris, 2003, p. 182). Coleção João Emílio Gerodetti, São Paulo.
- 11 Vista superior da casa térrea apelidada "de Suzana Dias" ou "do Antengüena", praça da Matriz, Santana de Parnaíba, fotografada por Paulo César Garcez Marins, 2004.
- 12 Cachorro de madeira entalhada, sede do Sítio do Padre Inácio, Cotia, fotografado por Paulo César Garcez Marins, 2004.
- 13 Vista frontal de "sobrado", rua Suzana Dias, Santana de Parnaíba, fotografado por Paulo César Garcez Marins, 2004.
- 14 Casa térrea, rua Santa Cruz, Santana de Parnaíba, fotografada por Paulo César Garcez Marins, 2004.
- 15 Vista frontal da sede do Sítio do Padre Inácio, Cotia, fotografado por Paulo César Garcez Marins, 2004.
- 16 Vista frontal da sede da Fazenda Capoeva, Itu, fotografado por Irit Chemizon Tommasini, 2004.
- 17 Cadeira de estado, apelidada "do Ouvidor". Acervo de Celso Antônio Pupo Simioni, São Paulo, fotografada por Carlos Kipnis e Ivan Sayeg, 2004.
- 18 Cadeira de estado, apelidada "do Ouvidor" (detalhe). Acervo de Celso Antônio Pupo Simioni, São Paulo, fotografada por Carlos Kipnis e Ivan Sayeg, 2004.
- 19 Panorama da Fazenda Antilhas, de José de Lima, c. 1870, óleo sobre tela, 90 cm x 163 cm (publicado em: *O café*. São Paulo: Banco Real, 2000, p. 82). Coleção de Maria Aparecida Rezende Gouveia de Freitas, São Paulo, fotografado por Rômulo Faldini.
- 20 Panorama da Fazenda Boa Vista, atribuído a Georg Grimm, c. 1880, óleo sobre tela, 74 cm x 114 cm (publicado em: *O café*. São Paulo: Banco Real, 2000, p. 78-9). Coleção de Dolores de Almeida Helou, São Paulo, fotografado por Rômulo Faldini.
- 21 Pintura parietal da Fazenda Riacho, atribuída a José Maria Villaronga, Bananal, c. década de 1860, fotografada por Carlos Eduardo Garcez Marins, 1983.
- 22 Painel retratando plantação de café no morro, de José Maria Villaronga, c.1858-1860, pintura parietal (publicado em: *O café*. São Paulo: Banco Real, 2000, p. 23). Fazenda Resgate, Bananal, fotografada por Rômulo Faldini.
- 23 "O café para a estação", Antonio Ferrigno, 1903, óleo sobre tela, 100 cm x 150 cm. Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, fotografado por Hélio Nobre.
- 24 Retrato durante festa de Santo Antônio, fazenda Santa Maria do Monjolinho, São Carlos, 1909 (publicado em: GASPAR, Julio Dias e AFRAM, Silvana Issa (eds.). *Memoórias do comércio: os caminhos do interior (Araraquara, São Carlos e região)*. São Paulo: Museu da Pessoa/SESC, 2000, p. 2). Arquivo da Fazenda Santa Maria do Monjolinho, São Carlos.
- 25 Vista de colônias de fazenda de café, cartão-postal/impressofototípia. Acervo do Museu da Universidade de São Paulo, São Paulo, fotografado por Hélio Nobre.
- 26 Portas de sobrados, rua coronel Domingues de Castro, São Luiz do Paraitinga, fotografadas por Paulo César Garcez Marins, 2004.
- 27 Vista frontal do sobrado de Carlos Vesconcellos de Almeida Prado, atual Museu Republicano "Convenção de Itu", rua Barão do Itaim, Itu, fotografado por Irit Chemizon Tommasini, 2004.

28 Vista da fachada lateral do Palacete Palmeira, esquina das ruas Marechal Deodoro e Deputado Claro César, Pindamonhangaba, fotografado por Paulo César Garcez Martins, 2004.

29 Vista frontal do palacete denominado Vila Santo Aleixo, rua Emílio Wigher, Taubaté, fotografado por Paulo César Garcez Martins, 2004.

30 Maquete de vila operária da companhia Brasilat, Salto. Acervo do Museu da Cidade de Salto, Salto, fotografado por Irit Chemizen Tommasini, 2004.

31 Retrato de d. Olívia Guedes Pontezado na rede e família, Simão Modrich, s/d, fotografia, 17 cm x 24 cm. Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (Coleção Carlos Eugênio Marcondes de Moura), São Paulo, fotografado por Hélio Nobre.

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
C389m Moradias dos paulistas : das fazendas às vilas operárias / Centro
de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária ;
baseado no texto de Paulo César Garcez Marins - São Paulo : CENPEC,
2005.

60p. - (Coleção Terra Paulista - Jovens, 5)

ISBN 85-85786-46-9 (ISBN do Título)

ISBN 85-85786-51-5 (ISBN da Coleção)

1. Habitações urbanas 2. Habitações rurais 3. Urbanização

I. Título II. Marins, Paulo César Garcez



CENPEC

CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisas
em Educação, Cultura e Ação Comunitária
Rua Dante Carraro, 68
05422-060 - São Paulo - SP
Telefone: (11) 2132-9000
www.cenpec.org.br

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Praça da República, 53 - Centro
01045-903 - São Paulo - SP
Telefone: (11) 3218-2000
www.educacao.sp.gov.br



Esta obra foi composta em Boffis Sans
Serif, fotolitos da Imprensa Oficial
e impressa sobre papel
offset 14, 120 gramas
em abril de 2005.

Tiragem: 12.000 exemplares

